

Nota de Pesquisa

TRAJETÓRIA DE PESQUISA SOBRE A POSSE DE ARMAS NA PROVÍNCIA DO PARANÁ (1850 – 1930) A PARTIR DO ACERVO DO MUSEU PARANAENSE

*Felipe Barradas Correia Castro Bastos
Gabriel Elycio Maia Braga¹*

Durante o ano de 2014 e o primeiro semestre de 2015, os alunos membros do PET-História desenvolveram várias atividades em parceria com o Museu Paranaense para trabalhar com o acervo contido em sua reserva técnica. Diante da grande diversidade de materiais à disposição, foram organizadas três comissões de trabalho: Moda, Numismática e Armas. Cada grupo se dedicou a determinadas porções do acervo, cabendo ao terceiro o estudo, nomeação e catalogação da reserva de armaria do Museu, nosso objeto de estudo na presente nota de pesquisa.

Composta por uma notável variedade de armas brancas e armas de fogo – dentre elas carabinas, clavinas, mosquetões, espingardas, revólveres, pistolas e garruchas² – a coleção armazenada no acervo pode

¹ Graduandos do sétimo período em História – Licenciatura e Bacharelado na Universidade Federal do Paraná.

² Há controvérsias quanto à terminologia a ser empregada para catalogar peças de armamento por ela conter sua historicidade própria. A título de exemplo, o termo oitocentista *espingarda* foi substituído no século XX por *fuzil*. Para as finalidades do Museu Paranaense, decidiu-se utilizar a nomenclatura contida no Manual do Soldado de Infantaria de 1872, no qual as armas são nomeadas a partir do tamanho. Assim, tem-se que armas maiores que 1,24m são espingar-

ser pesquisada para levantar várias questões a respeito da história de Curitiba e do interior paranaense. Nossa contribuição envolveu pesquisas sobre uma coleção específica, a revisão e reformulação de fichas catalográficas existentes; a confecção de fotografias destinadas a serem incluídas no acervo *online* do museu e, por fim, a concretização de um projeto de intervenção no circuito de exposição permanente do Museu.

A *hoploteca*³ do Museu Paranaense é marcada pela heterogeneidade. Nela encontram-se armas de fogo de fabricantes belgas, alemães, britânicos, franceses, ingleses, estadunidenses e nacionais em sistemas de acionamento que vão de fecharias de pederneira, fulminantes de percussão, retrocarga manual de tiro único a semiautomáticas. Diante dessa variedade de ampla abrangência cronológica, foram delineados questionamentos que poderiam ser abordados pela perspectiva museológica, isto é, a partir dos itens disponíveis na reserva técnica do Museu Paranaense: o que pode ser levantado a respeito da História do Paraná a partir da grande diversidade de armas encontradas no acervo? Pertenceram elas predominantemente às forças militares e de segurança pública ou estiveram distribuídas também entre a população civil? De que maneira essas armas podem ser articuladas historicamente aos conflitos que afetaram diretamente paranaenses na virada do século XIX ao XX, nomeadamente a

das ou, caso haja soquete para inserção de baioneta, mosquetões; entre 1,24 e 1,05m denomina-se carabinas; e menores que 1,05m são clavinas.

³ Palavra de origem grega que significa "coleção de armas".

Revolução Federalista (1893 – 1895) e a Guerra do Contestado (1912 – 1916)? E, por fim, como podemos aproveitá-las no circuito expositivo do Museu?

Apesar da heterogeneidade da hoploteca como um todo, ela é constituída predominantemente por armas individuais, com poucos exemplares repetidos acima de três unidades. Diante desse quadro, nos chamou a atenção um número considerável de garruchas⁴ similares entre si, algumas delas visivelmente gravadas na parte superior do cano a inscrição *Pistolet Brèzilien*. Esse conjunto de pistolas, que destoava do restante da coleção, foi escolhido como objeto de estudos das pesquisas realizadas no Museu Paranaense.

Primeiramente, é imperativo afirmar que o campo de estudos históricos sobre armamento no Brasil permanece negligenciado, tendo sido pouco explorado mesmo pelos historiadores militares (CASTRO, 2006). É crítica a dificuldade em encontrar fontes arquivísticas que possam ser analisadas em conjunto ao acervo arqueológico de armaria anterior à década de 1930, dificuldade que soma-se à inexistência de estudos sistemáticos que correlacionem avanços técnicos, políticas de importação e venda de armas de fogo e as imbricações entre militares e civis desde o Império até o Estado Novo. A escassez de bibliografia e documentação pertinentes ao estudo do armamento no Brasil foi um obstáculo significativo na realização desta pesquisa. Portanto, é

⁴ Armas de pequeno porte compostas por dois barris de cano raiado que operam por sistema de percussão e tiro único, utilizadas durante a segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX.

importante ressaltar que tratamos de considerações preliminares sobre como relacionar historicamente a coleção de garruchas do Museu no contexto paranaense ao qual pertenceram.

A partir da seleção da cultura material a ser estudada, os *Pistolet Brèzilien*, o primeiro passo da pesquisa foi buscar informações a respeito das armas nas fichas catalográficas, documentação responsável por enumerar as características cruciais a sua catalogação. Datilografadas na década de 1960, as fichas eram esparsamente preenchidas, mas indicavam a engraváçao das iniciais "EPL" no tambor de metal acima do gatilho, que significam *Éprouvée à Liège* [testada em Liège]⁵, indicando sua fabricação belga.

As fichas catalográficas, contudo, continham uma imprecisão que se revelou muito onerosa para o andamento da pesquisa. Presumivelmente por engano, na área destinada à inserção do ano de entrada do material no acervo do Museu, seja por doação ou aquisição, inseriu-se a data de *catalogação* da ficha em específico – 1967. Essa informação indicava erroneamente que as garruchas haviam sido recebidas nesse ano, e procedemos à busca nos arquivos do Museu por cartas, registros de entrada e demais documentações entre 1965 e 1969 que pudesse ser mais elucidativos a respeito dos *Pistolet*.

Em razão do engano, dois meses de pesquisa se passaram sem render resultados relevantes. Contudo, ao consultar o Livro Tombo da

⁵ Livre-tradução. Era costumeiro que fabricantes indicassem que suas armas haviam sido testadas como garantia de qualidade, conforme indica Castro (2006).

Seção de História, ficou evidente que se tratava de um equívoco. Muitos outros artefatos do Museu Paranaense registravam entrada no ano de 1967, sendo que não foi encontrada nenhuma documentação desta data que indicasse o recebimento. Além disso, no Livro Tombo está indicado o doação das garruchas ao Museu: a Chefatura de Polícia do Paraná, instituição substituída pela Secretaria de Segurança Pública em 1962 com a promulgação da Lei Nº 4615 de 09/07/1962. Portanto, os *Pistolet Brézilien* foram recebidos pelo Museu necessariamente antes de 1962, nos levando a reorientar os esforços de busca na documentação para datas anteriores.

No mês seguinte foram encontrados documentos que finalmente indicavam a real data de entrada das garruchas ao acervo, dentre as quais estão as *Pistolet Brézilien*. Em 12 de janeiro de 1933, foram doadas ao Museu várias armas pela Chefatura de Polícia Civil do Paraná – dentre elas sete "pistolas de dois canos". Encontrou-se também uma carta assinada pelo Chefe de Polícia José Merhy, em 10 de abril de 1935, atendendo ao ofício expedido pelo "Ilmo. Sr. Director do Museu Paranaense" solicitando a doação de armamentos à hopoteca. Na carta, são elencadas dentre as armas "10 pistolas (garruchas)".

Diante da inexistência de informações pertinentes à coleção pesquisada nos arquivos das polícias Militar e Civil do Paraná, planejamos uma visita técnica ao Museu Histórico Nacional (MHN) no Rio de Janeiro. Nesta visita tivemos a oportunidade de conversar com o

professor Adler Homero Fonseca de Castro⁶ e com Juarez Fonseca Menezes Guerra, curador do acervo de armas do MHN. O encontro com os dois especialistas contribuiu significativamente para a troca de experiências a respeito da conservação e catalogação de armas no Museu Paranaense, como também esclareceu várias dúvidas a respeito das garruchas pesquisadas. A partir das colocações de Adler Castro, concluímos que os *Pistolet Brèzilien*, devido a ornamentações presentes nas empunhaduras e diferenças significativas no comprimento do cano, eram de uso civil, contrariamente ao que supúnhamos.

Armas militares eram padronizadas⁷ por várias razões, dentre elas a necessidade logística de padronizar a munição de regimentos, as características da fabricação em larga escala e as exigências do mercado atacadista e das transações entre intendências militares e fabricantes. A não-padronização entre coleções de armas portáteis é um forte indício de seu emprego por civis – seja na caça, na defesa pessoal ou para cometer crimes. Esta última opção é particularmente plausível em relação aos *Pistolet* pelo fato de eles terem sido doados ao Museu em grande quantidade por meio da Chefatura de Polícia, o que sustenta

⁶ Mestre em História, pesquisador e membro do setor de arqueologia da Superintendência do IPHAN-RJ e curador do Museu Militar Conde de Linhares, do Exército.

⁷ A padronização de armas militares, contudo, foi uma questão muito problemática na história das Forças Armadas brasileiras. Por um lado, o Império não dispunha de nenhum órgão responsável pela centralização e padronização do armamento a nível nacional, resultando na coexistência de armas de diversos calibres e em graves problemas logísticos experimentados na Guerra do Paraguai (CASTRO, 2006). Por outro, as forças policiais provinciais durante o Império e a República Velha possuíam um alto grau de independência e suas licitações eram realizadas separadamente.

nossa hipótese de que se tratam de armas apreendidas pela Polícia por terem sido utilizadas em crimes na virada do século XIX ao XX. De fato, a plausibilidade da hipótese é reforçada se considerarmos o conjunto das armas doadas pela Chefatura entre 1933 e 1935, nas quais constam ainda “73 facas, facões e punhaes [...], 2 machados”, sete revólveres e diversas espingardas de diferentes modelos apreendidas e remetidas à custódia do Museu.

Adler Castro afirmou que até a emissão do Decreto nº 24.602 de 6 de junho de 1934⁸ não havia nenhuma legislação específica sobre compra, venda e produção de armas no Brasil, fato que contribui para a heterogeneidade da hoploteca do Museu Paranaense. A referida escassez de estudos e documentação a respeito do mercado varejista de armas – ao qual recorriam os civis – no Brasil anterior a essa data nos impede de delinear conclusões historiográficas precisas, mas é possível considerar uma significativa profusão na posse de armas no âmbito civil no território paranaense. Futuros estudos podem proficuamente relacionar o mercado varejista de armas a aspectos como a urbanização, a criminalidade, as necessidades da vida sertaneja, a violência e os grandes conflitos que acometeram a população do Estado na virada do século XIX para o XX. Castro acena para uma possível resposta aplicável ao contexto paranaense: “Em uma sociedade em que a violência, ou a ameaça de violência, era uma constante, certamente, os

⁸ O Decreto proíbe a instalação e funcionamento de fábricas paramilitares de armas e munições do país – exceto por meio de concessão governamental. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D24602.htm>.

moradores [...] tomavam medidas de autopreservação” (CASTRO, 2007, p. 27).

Pensando no emprego civil das armas pesquisadas, planejamos, juntamente aos funcionários e a direção do Museu Paranaense, uma intervenção na exposição permanente *Conflitos Armados do Paraná*. O circuito desta exposição ambienta a Guerra do Paraguai, a Revolução Federalista e a Guerra do Contestado, mostrando aos visitantes fotografias, artefatos, mapas e armas referentes a esses três conflitos. Propusemos uma intervenção no circuito na intenção de conferir maior visibilidade às armas civis por considerarmos que sua exposição pode ressaltar o protagonismo da população do território paranaense, para além do destaque atualmente conferido às “grandes personagens” militares nesses conflitos, como João Gualberto e Gumercindo Saraiva. Procedemos para expor exemplares dos *Pistolet Brézilien*, garruchas comuns e dois exemplares de armas que foram produzidas especificamente para uso feminino para inserir a população “comum” no circuito.

A partir desta intervenção, que imaginamos conceder maior destaque aos habitantes do território, procuramos suscitar diferentes reflexões acerca dos conflitos que ambientam a exposição para problematizar o destaque dado à presença militar em exposições museológicas desta temática. Sustentamos que participação da população civil em seu cotidiano durante tempos de guerra e paz possui um grande potencial de pesquisa, e defendemos que as armas civis presentes na hoploteca do Museu Paranaense podem ser um ponto de

partida para discutir a presença popular nos conflitos armados do Paraná e, inversamente, a presença de conflitos armados no interior das comunidades paranaenses na virada do século XIX ao XX.

Referências bibliográficas

BRASIL. *Decreto nº 24.602 de 6 de junho de 1934*. Dispõe sobre instalação e fiscalização de fábricas e comércio de armas e munições, explosivos, produtos químicos agressivos e matérias correlatas. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D24602.htm. Acesso em 10/08/2015.

CASTRO, A. Arqueologia – Procurando pela história do Brasil. *Da Cultura*. ano VII, v. 12., Rio de Janeiro, pp. 25 – 29, set. 2007.

_____. Um Tiro na Memória. *Nossa História*, ano 2, nº 24, São Paulo pp. 62 – 65, out. 2005.

_____. Notas sobre o armamento na Guerra do Paraguai. Rede de Memória Virtual Brasileira, Biblioteca Nacional, 2006. Disponível em https://www.academia.edu/8369073/Notas_sobre_o_armamento_na_Guerra_do_Paraguai. Acesso em 10/08/2015.

PARANÁ. Lei 4615 de 09 de julho de 1962. Dispõe sobre a criação da Secretaria de Segurança Pública a partir da supressão do órgão Chefatura de Polícia. Disponível em <http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/listarAtosAno.do?action=exibir&codAto=11282&codItemAto=121518#121518>. Acesso em 10/08/2015.

Recebido em: 12/08/2015
Aceito em: 09/09/2015